



BIRCHAL, Telma de Souza. **O eu nos Ensaios de Montaigne**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2007.

## **O EU DOBRADO EM OS *ENSAIOS* DE MONTAIGNE: UMA LEITURA DO LIVRO DE TELMA DE SOUZA BIRCHAL**

Rafael Fava Belúzio<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
(favabeluzio@yahoo.com.br)

Desconfio: os *Ensaios* são uma obra muito sofisticada filosoficamente, os que a menosprezam dão prova bastante de tolice; mas nem por isso estimo o seu valor apenas na medida filosófica. Não creio nisso. Nem que tudo o que existe nela é apenas literatura. Fugindo desses e de outros exageros, o livro *O eu nos Ensaios de Montaigne*, de Telma de Souza Birchall, encontra soluções prudentes na análise dos escritos do autor nascido na França. Já na introdução, a estudiosa sinaliza que propõe “uma investigação sobre a questão do sujeito em Montaigne” (BIRCHAL, 2007, p. 16) a partir de dois eixos: “a questão do sujeito como questão filosófica” (BIRCHAL, 2007, p. 16), isto é, a “crise do sujeito na contemporaneidade” (BIRCHAL, 2007, p. 17); e o “estatuto da subjetividade nos ensaios” (BIRCHAL, 2007, p. 16), levando em conta, entre outros aspectos, noções da forma literária e da identidade. Desse modo, o volume publicado em 2007 pela Editora UFMG visa uma hermenêutica do texto montaigniano a partir de questões do nosso tempo, sem, no entanto, tornar o filósofo nosso contemporâneo. Ademais, a pesquisadora equaciona a compreensão da obra enquanto produção marcada por nuances atinentes, por assim dizer, tanto à Filosofia, em geral, quanto aos Estudos Literários, em particular.

Seguindo essa dupla potencialidade, no primeiro capítulo, Telma Birchall faz uma leitura da *Apologia de Raymond Sebond*, texto escolhido como porta de entrada para *Os Ensaios*. Através de uma hermenêutica cuidadosa, a brasileira observa certa presença do ceticismo nesse que provavelmente seja o mais cético dos ensaios montaignianos: “Trata-se de um texto demolidor” (BIRCHAL, 2007, p.

---

<sup>1</sup> Bolsista de Pós-Doutorado Júnior do CNPq em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista de Pós-Doutorado Júnior do CNPq. Possui doutorado com tese sobre Paulo Leminski e mestrado com dissertação sobre Álvares de Azevedo, ambos em Estudos Literários: Literatura Brasileira (UFMG); graduação em Letras (UFV) e formação suplementar em Filosofia (UFMG). Autor de “Uma lira de duas cordas” (ensaio) e “1929” (crônicas).



31). Assim, o capítulo *A quebra dos espelhos ou a crítica dos fundamentos ontológicos do eu* contextualiza historicamente a produção da *Apologia*; comenta as diversas partes desse texto, demonstra a sua estruturação; situa e analisa as duas objeções de Montaigne a Sebond; e caminha para uma conclusão na qual aponta que o pensador francês tanto investiga, criticamente, as pretensões epistêmicas da razão quanto desestabiliza, dessubstancializa, o *eu* a partir do próprio escrutínio de noções como as de alma e razão.

Em seguida, na seção 2, *Estão aqui minhas fantasias*, a estudiosa observa o estatuto do discurso subjetivo de Montaigne e, para tanto, divide o capítulo duas partes: inicialmente, analisa a visão de três pesquisadores de *Os Ensaios*; logo depois, mostra o valor do discurso subjetivo montaigniano. Telma Birchal compreende que Jean-Yves Pouilloux, especialmente em *Lire les Essais de Montaigne*, trata o filósofo como alguém que possui um discurso de segunda ordem, pois o renascentista traria apenas opiniões e apresentações de pensamentos. Já o livro *The Cornucopian Text*, de Terence Cave, para a brasileira, tende a uma exposição de diferenças, ou oposições insolúveis entre ideias, de modo que caminha para um vazio, tendendo a uma indecidibilidade oriunda da multiplicidade. André Tournon, por sua vez, em *Montaigne, la glose et l'essai*, é para Birchal alguém que afirma haver no livro montaigniano a manutenção de um significado, uma vez que o renascentista possuiria afirmações de opiniões e apresentação de pensamentos, de maneira que a polissemia guardaria uma superposição de sentidos, não a identificando com o vazio.

Logo após tais apresentações, Telma Birchal analisa dois ensaios de Montaigne: *Dos canibais* e *Da arte de conversar*. E mais no final do capítulo, à maneira de uma conclusão, a estudiosa tece três apontamentos sobre o estatuto do discurso subjetivo montaigniano. Indico tais apontamentos. (i) A fala do autor não se alinha ao absoluto e o próprio autor não sabe dizer se o seu discurso é adequado à verdade, no entanto é uma fala que se adéqua à finitude de quem a produz. (ii) Embora havendo, assim, uma dimensão relativa em sua escrita, Montaigne não se dissolve em um relativismo, pois observa a multiplicidade de ângulos de observação do mundo e privilegia o seu próprio ângulo, o seu auto-retrato. (iii) Nesse sentido, a escrita montaigniana é uma escrita de si, uma pintura de si – não se trata de um ceticismo que apenas apresente múltiplas visões de mundo, mas de uma fala que demonstre como observa tais visões.

Sobre a análise da pintura montaigniana de si, ela resulta no terceiro capítulo, *Sou eu mesmo a matéria de meu livro*, seção que também pode ser dividida em duas. Na primeira delas, novamente Birchal parte de um diálogo com representativos leitores de *Os Ensaios*, representativos, nesse caso, especialmente no que diz respeito ao modo de olharem a *pintura de si*. Em determinada perspectiva, é analisada *A pintura de si como representação: Auerbach e Villey*,



subcapítulo que faz, respectivamente, o escrutínio das obras *Mimesis* e *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*. Assim, é notado que aquilo que se pinta nos *Ensaaios* não é o homem, no sentido geral, mas um homem, no sentido particular; além de haver no livro montaigniano a tensão entre a fluidez e a permanência, ou entre a multiplicidade e a unidade. Essa tensão chega até à hipótese de Frédéric Brahami – vista em *Le scepticism de Montaigne* e *Le travail du scepticism* – na qual o *eu* é destituído no processo de representação, havendo uma dispersão a tal ponto que o *eu* é uma construção a partir do vazio.

Já na segunda parte do capítulo 3, a filósofa brasileira se volta para os ensaios *Da amizade*, *Do arrependimento* e *Da experiência*, de modo a ponderar sobre a encruzilhada tramada na primeira parte. Nesse sentido, o livro *O eu nos Ensaaios de Montaigne* recusa as ideias extremas: (i) da pintura de si como representação ou cópia de uma suposta essência, e (ii) do esvaziamento completo do *eu* no livro montaigniano. Como alternativa, Telma Birchal, por sua vez, tende a compreender a pintura textual empreendida nos ensaios como uma construção de si, isto é, o que se está discutindo não é o *eu de Montaigne*, coisa em si, mas o *eu dos ensaios*, o *eu textual*, embora esse *eu textual* construído não seja isento de um *eu*, por assim dizer, *real*. É da interação dialética entre os tipos supostamente ideais que emerge essa espécie de *eu dobrado*, *real-textual*. Nas palavras da estudiosa: “A retomada de si no auto-retrato não é uma mera descrição, nem uma criação *ex nihilo*, mas uma ordenação, um trabalho formador sobre o que já se encontra lá, sobre o dado, numa dialética entre passividade e atividade” (BIRCHAL, 2007, p. 200).

Na conclusão, nomeada *O eu dos ensaios*, essa posição é reafirmada, além de serem tramados desdobramentos éticos. Por conseguinte, imagino que o *eu dos ensaios*, este *eu real-textual* de Montaigne tal como concebido por Telma de Souza Birchal, muito lembra outras considerações, especialmente algumas ligadas ao eu lírico. Estou pensando nos apontamentos de Dominique Combe presentes no escrito *A referência dobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia*, um capítulo do livro *Figures du sujet lyrique*, organizado por Dominique Rabaté. Combe procura ir além da dicotomia do par referencial/ficcional e propõe um eu dobrado entre a biografia e a ficção. Nesse viés, é relativizado tanto o pólo do *eu empírico puro*, como se no texto estivesse alguém em si, quanto o pólo do *eu textual puro*, como se no texto estivesse um sujeito completamente apartado do universo real. Imagino o eu lírico, nos termos de Combe, e o eu dos ensaios, nos termos de Birchal, como uma persona autobiográfica ficcionalizada, ou em vias de ficcionalização, retratando a passagem, em trânsito contínuo, em um ir e vir que articula, sem cessar, o convívio do real com o ficcional. Por esse ângulo de observação, estamos diante de um eu dobrado, uma dupla referência, um sujeito textual que é expressão de um eu real & de um eu ficcional, não sendo puramente



nem real e nem ficcional, seguindo em construção contínua, variando conforme o ensaio, tensionando. E se me permito, em um salto, uma generalização perigosa, imagino, portanto, uma profunda afinidade entre o eu ensaístico e o eu lírico.

## Referências

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. Trad. George Bernard Sprerber. São Paulo, SP: EdUSP/Perspectiva, 1971.

BIRCHAL, Telma de Souza. **O eu nos Ensaios de Montaigne**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2007.

BRAHAMI, Frédéric. **Le scepticism de Montaigne**. Paris, França: PUF, 1997.

BRAHAMI, Frédéric. **Le travail du scepticism: Montaigne, Bayle, Hume**. Paris, França: PUF, 2001.

CAVE, Terence. **The Cornucopian Text**. Oxford, Inglaterra: Clarendon, 1979.

COMBE, Dominique. "A referência dobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia". Trad. Mesquita e Camilo. In: **Revista USP**. São Paulo, SP, USP, n. 84, dez. a fev., 2009-2010. p. 112-128.

MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios: livro I**. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002.

MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios: livro II**. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

POUILLOUX, Jean-Yves. **Lire les Essais de Montaigne**. Paris, França: François Maspero, 1979.

RABATÉ, Dominique (Org.). **Figures du sujet lyrique**. Paris, França: PUF, 2001.

TOURNON, André. **Montaigne, la glose et l'essai**. Lion, França: Presses Universitaires de Lyon, 1983.

VILLEY, Pierre. **Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne**. 2. ed. Paris, França: Hachette, 1933.



Recebido em: 23/03/2022  
Aprovado em: 07/11/2023

Revista Resenhando  
Volume 5, número 1, 2023  
ISSN 2675-7036